

UMA DESCRIÇÃO *ALUCICRAZY* DO ESTADO DA ARTE DOS *BLENDS* DO PORTUGUÊS BRASILEIRO¹

AN *ALUCICRAZY* DESCRIPTION OF THE STATE OF THE ART OF BLENDS IN BRAZILIAN PORTUGUESE

Emerson Viana Braga (UESB/UNEB)²
Vera Pacheco (UESB/CNPq)³

Resumo: Este texto aborda sobre o processo do *blend* com foco específico no português brasileiro, propondo uma discussão sobre o estado da arte deste tipo de formação de palavra. Este fenômeno é um processo caracterizado pela mescla de duas bases, como em *namorido* (*namorado* + *marido*). A pesquisa sobre *blends* possui uma história extensa, com vários linguistas e estudiosos contribuindo para sua compreensão. Diante disso, este artigo oferece uma visão geral da evolução de pesquisas relacionadas a este fenômeno, com destaque para o contexto do português brasileiro. Além disso, examina exemplos relevantes de *blends* nessa língua e discute sua utilização, além de quaisquer peculiaridades em comparação com outras línguas naturais. O objetivo é, portanto, apresentar conceitos e características dos *blends*, explorando, especificamente, os aspectos semânticos e fonológicos envolvidos no processo e discutindo se é concatenativo ou não concatenativo. Dada às diferentes maneiras para as formações de *blends* – compartilhando material fonológico, ou não –, é analisado, também, as tipologias adotadas por alguns linguistas para os distintos padrões de palavras formadas por esse processo.

Palavras-chave: Blend. Estado da arte. Português brasileiro.

Abstract: This text addresses the blending process with specific focus on Brazilian Portuguese, proposing a discussion on the state of the art of this type of word formation. This phenomenon is a process characterized by the merging of two bases, as in "namorido" (*namorado* + *marido* - boyfriend + husband). Research on blends has a long history, with various linguists and scholars contributing to its understanding. Therefore, this article provides an overview of the evolution of research related to this phenomenon, with emphasis on the context of Brazilian Portuguese. Additionally, it examines relevant examples of blends in this language and discusses their usage, as well as any peculiarities compared to other natural languages. The objective is to present concepts and characteristics of blends, specifically exploring the semantic and phonological aspects involved in the process and discussing whether it is concatenative or non-concatenative. Given the different ways blends are formed – sharing phonological material or not –, the typologies adopted by some linguists for the distinct patterns of words formed by this process are also analyzed.

Keywords: Blending. State of the art. Brazilian Portuguese.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB/Brasil).

² Doutor e Pós-Doutorando em Linguística (UESB). Professor Substituto da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Pesquisador do Grupo de Pesquisa e Estudos em Fonética e Fonologia (LAPEFF). <https://orcid.org/0000-0002-5738-3829>. (emevibra@hotmail.com).

³ Doutora em Linguística (UNICAMP). Professora Plena da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Coordenadora do Grupo de Pesquisa e Estudos em Fonética e Fonologia (LAPEFF). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. <https://orcid.org/0000-0002-7986-7701>. (vera.pacheco@gmail.com).

Introdução

As línguas naturais têm, como característica, a possibilidade de criação de novas palavras que, a todo momento, são reinventadas a partir de um contexto. Entre as diferentes possibilidades de criação, há o *blend*: um processo de formação de palavras que se caracteriza pela junção de uma base à outra, como em *namorido* (*namorado* + *marido*) (cf. BRAGA, 2023).

A pesquisa sobre *blends* tem uma longa história, com diversos linguistas e estudiosos contribuindo para a compreensão desse conhecimento. Este artigo oferece uma visão geral da evolução das teorias e da pesquisa relacionada a este fenômeno. Salientamos, ainda, que este trabalho focaliza em *blends* presentes na língua portuguesa, especificamente no contexto do português brasileiro. Aqui, examinamos exemplos relevantes de *blends* nessa língua e discutimos como essas construções linguísticas são usadas, bem como qualquer particularidade que possa surgir em comparação com outras línguas naturais.

Portanto, objetivamos apresentar alguns conceitos e características do *blend*, mostrando os aspectos semânticos e fonológicos envolvidos no processo, além de trazer algumas discussões sobre sua formação, se é concatenativo ou não. Por apresentar formações diferentes (ora compartilhando material fônico, ora não), também, pretendemos discutir um pouco sobre as tipologias adotadas por alguns linguistas. Além disso, serão apresentadas algumas pesquisas recentes sobre o *blend*.

1 Para início de conversa...

Para iniciar essa conversa, é preciso trazer uma informação importante sobre este processo que está na escolha do termo que pode ser apresentado sob diversas denominações na literatura. Bevilacqua e Silva (2021, p. 361, grifos dos autores), por exemplo, ao conceituá-lo, apresentam algumas possíveis designações para o processo, como:

amálgama, amálgama de palavra, amálgama lexical, *blend*, *blending*, *coinage*, combinação, contaminação, cruzamento, cruzamento de palavra, fusões vocabulares expressivas (FUVES), mescla lexical, mesclagem lexical, mistura, *mot-tirvir*, *mot-valise*, palavra-valise, palavra entrecruzada, palavra mesclada, palavra-síntese, *portmanteau*, entre outros.

Outras denominações, ainda, podem ser encontradas na literatura: “Contaminação (BASILIO, 2003), Fusão vocabular (BASILIO, 2005), Combinação (BECHARA, 2009); Palavra cabide (SANDMANN, 1991), Composição haplológica (SANDMANN, 1991), Amálgama (AZEREDO, 2000)” (BENFICA DA SILVA, 2019, p. 18). De todo modo, o importante é esclarecer que todos esses termos são usados para descrever o mesmo processo e seu uso na língua.

Diante disso, o *blend* é um fenômeno, tipicamente, morfológico que, como já apresentamos, anteriormente, envolve duas palavras. Por muito tempo, foi um processo marginalizado pela Morfologia tradicional por não apresentar um encadeamento em sua formação – palavras formadas por *blends* têm supressão de material fônico.

No entanto, nos últimos anos, dada a sua produtividade e expressividade em diferentes contextos (jornalístico, contextos informais, redes sociais, campo político), o fenômeno tem recebido mais atenção dos estudiosos. No português brasileiro, a partir de agora PB, Sandmann (1991; 1993; 1997), Basílio (2003; 2005; 2010), Gonçalves (2003; 2004; 2006ab; 2016), Andrade e Rondinini (2016), Benfica da Silva (2019), Marangoni Jr. (2021) e Braga (2023) são alguns pesquisadores que têm se debruçado sobre o processo, investigando as motivações que decorrem dele.

Apesar de ganhar mais notoriedade, hodiernamente, o fenômeno existe há bastante tempo e tornou-se mais comum a partir do século XX e, desde então, ficou considerado como um tipo

diferente de formação de palavras (ADAMS, 1973). Desse modo, o *blend* se desenvolveu, ao longo do tempo, desde meros trocadilhos a palavras reais que enriqueceram o vocabulário diário dos falantes (LAHLOU; HO-ABDULLAH, 2021), isto é, à criação de palavras quase lexicalizadas, como o exemplo *marinoivo* (*marido* + *noivo*).

Contudo, foi na literatura, de modo divertido, que começou a ganhar destaque. Em *Through the looking glass and what Alice found there*, Lewis Carroll, na tentativa de descrever algumas palavras que ele mesmo criou, por meio do personagem Humpty Dumpty, denomina o fenômeno como *portmanteau*:

Well, 'slithy' means lithe and slimy. 'Lithe' is the same as 'active.' You see it's like a portmanteau -- there are two meanings packed up into one word." [...] "Exactly so. Well then, 'mimsy' is flimsy 'and miserable' (there's another portmanteau for you). And a 'borogove' is a thin shabby-looking bird with its feathers sticking out all round -- something like a live mop. (CARROLL, 1871, p. 82-83).⁴

Por meio do personagem, Carroll (1871) cunha o termo *portmanteau* para definir como o embrulho de dois significados em apenas uma palavra: *lithe* (*ágil*) e *slimy* (*viscoso*) resultam em *slithy*, *blend* que apresenta o significado das duas bases envolvidas, como pôde ser observado na fala do personagem. A imagem 1, também, serve de respaldo para tal argumento:

Imagem 1 - Possibilidade de combinação entre as palavras *frango* e *dinossauro*.



Fonte: storie do Instagram de @essediafoifoda.

A rede social *Instagram* dispõe de uma ferramenta que permite, ao usuário, a escolha de uma opção, entre duas opções. Na combinação entre *frango* e *dinossauro*, por um lado, e *dinossauro* e *frango*, por outro, o internauta mescla o início de uma base com o final da outra. Porém, sua intenção, a

⁴ O texto foi mantido na língua original, porque o autor descreve as palavras que cunha como *portmanteaux* (*blends*). Pensando nisso, julgamos que seria mais interessante manter no inglês, de modo que a tradução seja feita com base na compreensão de cada leitor.

partir do objeto da imagem, é designar uma palavra que corresponda às duas bases, isto é, ter dois significados para um elemento.

Nota-se, portanto, que Carroll e o dono da conta do *Instagram* queriam, ainda que não cientificamente, estabelecer um efeito semântico-pragmático que duas palavras poderiam ocasionar uma única palavra. Desse modo, o *blend* é um fenômeno linguístico que procura obter novas palavras a partir de outras já existentes na língua e isso é o que torna as línguas naturais mais dinâmicas, quando criam, derivam e categorizam novas palavras a partir de outras.

2 As definerísticas⁵ do *blend*

Lapa (1968) define o processo como a combinação ou fusão de duas palavras para formar uma só. Segundo o autor, isso pode ocorrer por razões fonéticas, morfológicas ou estilísticas. O estudioso aborda o *blend* (por ele, denominado amálgama) sob uma perspectiva estilística, explorando como a combinação de palavras pode servir a propósitos expressivos ou poéticos. O processo, segundo ele, pode ser usado para criar um efeito rítmico, para condensar significados, ou para criar uma sonoridade ou imagem particular.

Ainda na esteira da Estilística, Martins (2000) afirma que o processo surge da combinação de duas palavras que pode resultar na formação de uma nova palavra, carregando características de ambas as originais. A autora reforça que o *blend* revela a criatividade, o espírito e a força expressiva na linguagem, surgindo da síntese de significados e da combinação inesperada de elementos. Essas construções linguísticas, segundo a autora, são especialmente adequadas para transmitir humor e brincadeira, mas, em algumas situações, podem adquirir um tom lírico, com um toque de refinamento estético.

Kemmer (2003) descreve o processo, por meio da Linguística Cognitiva, como duas palavras que são conectadas a outras que já existem na língua e as denomina como lexemas fonte em que ocorre uma coativação quando o *blend* é usado. Assim, explica a estudiosa:

A semântica de um *blend* é uma estrutura cognitiva coerente que incorpora e integra seletivamente aspectos da semântica das palavras ativadas. Vou chamar as palavras coativadas de lexemas fonte, uma vez que elas são diacronicamente anteriores e sincronicamente mais primárias (pelo menos quando o *blend* é formado pela primeira vez), sendo mais cognitivamente enraizados (isto é rotinizados) do que o *blend* resultante (KEMMER, 2003, p. 71, tradução nossa)⁶.

Por exemplo, ao pensarmos em *blends* do PB, os lexemas fonte coativados para a formação de *democradura* são *democracia* e *ditadura*. Kemmer (2003) sugere que os esquemas, da Gramática Cognitiva, são importantes na análise do processo, pois apresentam uma relevância do fator recorrência no conhecimento lexical e porque incluem o aspecto semântico. Por causa disso, a autora, inclusive, explana que a teoria baseada em esquemas seja superior a outras, como a Teoria da Otimidade, doravante TO, que leva em consideração aspectos fonológicos.

Entretanto, os estudos baseados em esquemas, como propõe Kemmer (2003), apesar de dar conta de explicar o fenômeno por meio de aspectos semânticos, não apresentam descrições mais robustas sobre o que ocorre com as supressões fônicas, tão comuns ao fenômeno. Por isso, diversos estudos, como o de Piñeros (2002) e Gonçalves (2003, 2004, 2006b), que se valem da TO para explicar o fenômeno, têm mostrado como a teoria se mostra relevante para descrever questões fonológicas e prosódicas dos *blends*.

⁵ O *blend* criado, por nós, refere-se às bases *definição* e *características*.

⁶ *The semantics of a lexical blend is a coherent cognitive structure that selectively incorporates and integrates aspects of the semantics of the activated words. I will call the co-activated words source lexemes, since They are diachronically prior and also synchronically more primary as well (at least When the blend is first formed), being more cognitively entrenched (i.e. routinized) than the resulting blend.*

Defendemos, então, que teorias que levam em consideração questões semânticas não são superiores às que levam em consideração questões fonológicas. Ambas as perspectivas descrevem o processo levando em consideração dois aspectos de suma importância para a sua formação e, com isso, somam-se para compreender o fenômeno em sua totalidade. Além disso, ao longo deste artigo, observaremos o quanto as teorias fonológicas ajudaram a compreender melhor o *blend*.

Basílio (2010, p. 202) esclarece que o *blend* “é uma construção estruturada de modo a incorporar fonologicamente os dois itens lexicais envolvidos, representando iconicamente a inclusão da função semântica do qualificador no significado da palavra base”. Com isso, a percepção da incorporação é catalisada e ambas as palavras-fonte são traduzidas, integralmente, na mente do falante. A partir disso, “a incorporação bem sucedida ocorre com a mínima interferência fonológica capaz de, ao mesmo tempo, manter integralmente a palavra base e evocar o qualificador” (BASÍLIO, 2010, p. 203).

Com relação à forma dos *blends*, Dubois *et al.* (1973, p. 451) afirmam que o fenômeno “resulta da redução de uma sequência de palavras numa só palavra que só conserva a parte inicial da primeira palavra e a parte final da última”. Este é o mesmo argumento usado por Arndt-Lappe e Plag (2013) e Plag (2018). Proposição concernente a dos autores já havia sido apresentada também por Bat-El (1996) ao afirmar que, na formação do *blend*, ocorre uma fusão entre duas palavras, ocasionando uma nova, onde as porções internas das bases, geralmente, são subtraídas. Em trabalho anterior aos mencionados, Alves (1990), ainda, salienta que o fenômeno só existe devido ao fato de que uma das bases, ou ambas, sofrem redução.

Atestamos melhor estes argumentos, apresentando *marinoivo* (*marido* + *noivo*) e *chafê* (*chá* + *café*), *blends* do PB, em que o primeiro tem quebra na base da esquerda com a supressão da sílaba /du/, enquanto no segundo exemplo a quebra é feita na base da direita com a supressão da sílaba /ka/. Fica evidente que ocorre subtração de material fônico na parte interna do *blend* e esta subtração pode ocorrer na base 1 ou na base 2 ou, ainda, em ambas as bases, como em *chocotone* (*chocolate* + *panetone*).

Benfica da Silva (2019) faz uma análise de *blends* formados por antropônimos, discutindo que essa formação estrutural de ‘início + fim’, defendida pelos autores antes mencionados, parece ser mais frequente em *blends* do PB formados por nomes comuns. Apesar disso, segundo os dados da autora, é possível encontrar formações que não seguem, apenas, esta estrutura em *blends* formados por antropônimos, como em *BelGra* que mescla o início do antropônimo *Belo* ao início do antropônimo *Gracyanne*, resultando numa formação estrutural de ‘início + início’. O mesmo acontece em *Peromar* (*Pérola* + *Marcio*) e *Jolari* (*João* + *Larissa*).

Nesse sentido, podemos inferir que o argumento de Dubois *et al.* (1973), Arndt-Lappe e Plag (2013) e Plag (2018), sobre *blends* serem formados pela parte inicial da primeira palavra e final da segunda palavra e o argumento de Bat-el (1996) de que as porções internas das bases são subtraídas, parece não ser categórico em todos os *blends* do PB. Além dos *blends* coletados por Benfica da Silva (2019), podemos, ainda, destacar outros exemplos bastante comuns no meio futebolístico: *FlaFlu* (*Flamengo* + *Fluminense*) e *BaVi* (*Bahia* + *Vitória*), *blends* formados a partir de partidas consideradas clássicas entre esses clubes de futebol.

Por essa razão, Piñeros (2002) discute que, diferentemente do que ocorre com os compostos, não há uma ordem sequencial para a formação do processo, pois apresenta uma ruptura e deixa de ter uma concatenatividade, situação que ocorre nos processos de composição. Para o autor, o que acontece é que os *blends* implementam uma parte de uma palavra simultaneamente com uma parte da outra.

Araújo (2000) defende que o fenômeno é o resultado da sobreposição ou concatenação de duas palavras com eventual perda de material segmental, isto é, “elementos fonológicos e silábicos” (ARAÚJO, 2000, p. 6). Afirma, ainda, que ocorre um processo de amálgama com duas formas que

já existem na língua e resulta no embrulho de dois significados em apenas uma palavra e, por este motivo, segundo ele, o *blend*⁷ se configura como um processo de composição.

Gonçalves (2019, p. 152), distinguindo-se de Araújo (2000), afirma que o fenômeno é “um processo não concatenativo de formação de palavras consistente na fusão de duas bases”, como *maravilinda* (*maravilhosa* + *linda*). O linguista adota a noção de não concatenativo para tratar do fenômeno, pois defende que não há um encadeamento na junção entre as bases, ou seja, ocorre um rompimento em sua formação. Em *maravilinda*, por exemplo, há uma ruptura na junção das bases, ocasionando supressão de material segmental.

Rio-Torto (2014) faz uma análise baseada em dados empíricos de três variantes do português: Brasil, Moçambique e Portugal. A autora utiliza uma abordagem comparativa para examinar as características prosódico-morfológicas e semântico-cognitivas dos *blends*, recorrendo a exemplos literários e cotidianos. Com os resultados alcançados, Rio-Torto (2014) discute que tanto os *blends*, quanto os compostos compartilham padrões de organização interna, como [NN]N, [NA]N, [AN]N, [AA]A, e [VV]V. Esses padrões mostram que, apesar das diferenças na formação, há uma similaridade estrutural subjacente. Em contrapartida, o *blend* se distingue da composição pela ruptura na ordem linear das palavras-fonte. Na composição, as palavras são combinadas de forma linear e concatenativa, enquanto no *blend*, as bases se intermesclam ou se sobrepõem. Segundo a linguista, a composição tende a preservar a estrutura prosódica e os constituintes morfológicos, enquanto o *blend* resulta em uma única palavra fonológica, com perda de segmentos.

No que tange à supressão de segmentos, Lopes (2003) salienta que o fenômeno é parecido com o processo da aglutinação. No entanto, as supressões fonéticas são maiores e ocorrem no radical. Em resumo, o autor defende que a formação dos *blends* é ocasionada pela união de fragmentos das bases envolvidas, como em *portunhol*, mescla de *português* + *espanhol*, em que a base 1 mantém os fragmentos iniciais e a base 2 mantém os fragmentos finais. Portanto, o fenômeno tende a suprimir segmentos, efetivamente, o que o torna de fato, um processo não concatenativo.

Este fato pode ser constatado em *blends* monossilábicos, como *pãe* (*pai* + *mãe*) e *nim* (*não* + *sim*) que, embora sejam palavras constituídas por única sílaba, têm material fônico suprimido. A quebra, em *blends* monossílabos, pode ser identificada como rima (GONÇALVES, 2003; 2006a), ou seja, na junção de *pai* e *mãe*, que resulta em *pãe*, ocorre a separação do “onset da rima, aproveitando o ataque de P1 e a rima de P2”⁸ (GONÇALVES, 2006a, p. 234-235, grifo do autor), resultando no *blend* *pãe*.

Dessa forma, nota-se que os *blends* tendem a suprimir material fônico, como os dos exemplos, anteriormente, citados e essa supressão pode chegar ao nível da(s) sílaba(s), como nos exemplos de *chafé* (*chá* + *café*) e *chocotone* (*chocolate* + *panetone*), em que o primeiro suprime a sílaba da primeira base e o segundo suprime duas sílabas de ambas as bases.

É importante salientar que, como todo fenômeno linguístico, o *blend* é recorrente em muitas línguas naturais e tem sido objeto de análise de diversos teóricos. Bauer (1983; 2001; 2012), Cannon (1986) e Kemmer (2003) são alguns teóricos, dos diversos, que investigaram no inglês, Piñeros (2000, 2002) no espanhol, Bat-El (1996) analisou os *blends* do hebraico.

Pelas discussões trazidas, até este momento, sobre a natureza dos *blends*, fica evidente que os principais aspectos envolvidos no processo são os semânticos e os fonológicos. Esse fenômeno envolve duas palavras que já são existentes na língua e que já trazem consigo um significado específico. Ao juntar as duas bases, o falante tenta ligar esses dois significados de modo que se estabeleça um único sentido. Para que esse significado ganhe um sentido mais direto, é necessário que a(s) base(s) seja(m) fragmentada(s) e esta fragmentação pode estar ligada às questões de ritmo

⁷ Salientamos que Araújo (2000) adota o termo *portmanteau* como denominação do processo.

⁸ P1 refere-se à palavra 1 (base da esquerda) e P2 refere-se à palavra 2 (base da direita).

inerente a uma determinada língua. Na próxima seção discutiremos acerca de mais peculiaridades do processo a partir dos aspectos fonológicos.

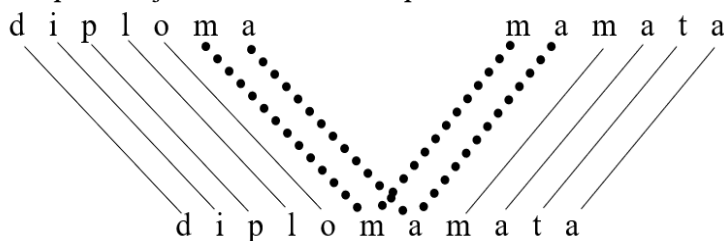
3 Padrões dos *blends*

Antes de iniciarmos a discussão acerca dos padrões dos *blends*, estabelecidos por alguns estudiosos, queremos trazer um conceito apresentado por Piñeros (2000) e Gonçalves (2006b). Esses autores se valem do termo ambimorfemia para definir *blends* ótimos que “tendem a minimizar o número de perdas segmentais” (GONÇALVES, 2006b, p. 170). O termo ótimo é usado porque os linguistas utilizam, como arcabouço teórico, a TO, que seleciona candidatos possíveis a um *output*.

A partir da teoria, os autores analisam o papel de uma restrição morfológica, denominada MORPHDIS, que proíbe segmentos ambimorfêmicos, isto é, não permite que haja uma relação de um-para-muitos entre as formas de superfície e formas subjacentes. Tal restrição é analisada para separar os *blends* que compartilham material fônico dos que não separam. *Advogata* (*advogada* + *gata*), *borboletras* (*borboleta* + *letras*), por exemplo, *blends* haplologizados⁹, sofrem o processo de ambimorfemia. No entanto, este processo abarca, também, *blends* que não têm ocorrência da haplologia, mas compartilhamento de material fônico, como *namorido* (*namorado* + *marido*), *matel* (*mato* + *motel*). Sendo assim, o processo da ambimorfemia pode compartilhar não só sílabas, como também unidades fonológicas, sequências que são comuns a mais de um morfema que decorre numa interposição das bases.

Sendo a motivação fonológica, um dos fatores importantes para análise do fenômeno, muitos teóricos observaram que a quebra na junção das bases pode ocasionar sobreposições, fusões entre as bases, ou seja, quando compartilham material fônico. *Diplomamata* (*diploma* + *mamata*) (cf. diagrama 1) é um desses exemplos.

Diagrama 1 - Representação de *blend* com compartilhamento de sílabas entre as bases.



Fonte: adaptado de Piñeros (2000).

Por meio do diagrama 1, fica explícito que *blends* podem compartilhar material fônico – as linhas pontilhadas denotam o compartilhamento de material fônico entre as bases. Esse exemplo dá indícios de que alguns *blends* do PB podem suprimir e compartilhar material fônico¹⁰, outros podem, apenas, compartilhar elementos fonológicos – a sílaba /ma/, presente na última sílaba da primeira base e na primeira sílaba da segunda base são compartilhadas. Ainda, há possibilidade de certos *blends* serem formados sem compartilhamento de material fônico, como *portunhol* (*português* + *espanhol*), *futelama* (*futebol* + *lama*). Foi pensando nisso, que alguns estudiosos padronizaram o fenômeno de acordo com o modo como são formados.

Uma das propostas é a de Sandmann (1996) que divide os *blends* em homófonos e não-homófonos. O autor considera homófonos, os *blends* que fazem compartilhamento de material

⁹ Neste trabalho, reconhecemos que sílabas semelhantes ou idênticas que estejam contíguas, sofrem o processo da haplologia. Para mais detalhes sobre essa perspectiva, sugerimos a leitura do trabalho de Braga (2023).

¹⁰ Em *namorido*, por exemplo, ocorre supressão de sílabas de ambas as bases, *-rado* da base 1 e *ma-* da base 2 e, ainda, compartilham material fonológico entre si. Observando as bases, elas apresentam diversos segmentos em comum.

fônico, onde bases se interpõem com segmentos presentes em ambas as bases que podem ser longas ou não, como *borboletras* (*borboleta* + *letras*), *forroça* (*forró* + *roça*). Por outro lado, os não-homófonos não compartilham material fonético entre si, seriam os casos de *democradura* (*democracia* + *ditadura*), *fisiobixo* (*fisioterapia* + *bixo*).

Na proposta de Algeo (1977), análises como essas resultam em alguns fatos sobre o fenômeno, dentre eles, a) que alguns *blends* omitem parte de uma ou de ambas as bases de que são oriundos e b) que alguns deles são semelhantes a formas haplogizadas, quando sobrepõem sons – seja segmentos, seja componentes – das bases de origem. Por esse motivo, o autor distingue os *blends* em dois blocos, denominados por ele, como *telescopes* e *portmanteaux*. O autor argumenta que

apesar das inevitáveis incertezas na prática, a distinção entre *telescopes* e *portmanteaux* é clara na teoria. É surpreendente que não tenha sido geralmente reconhecido, porque as formas, embora semelhantes em estrutura, são notavelmente diferentes em seu sistema de formação e nos processos psicológicos que devem ser assumidos para sua formação (ALGEO, 1977, p. 62, tradução nossa)¹¹.

Neste sentido, segundo Algeo (1977), os *portmanteaux* configuram-se como *blends* associativos, por proporcionarem dois ou mais étimos que foram ligados na mente do criador da palavra e, desse modo, em sua língua. Para o autor, “a maioria das combinações associativas envolve uma ligação semântica, embora outros tipos de associação também possam ser feitos” (ALGEO, 1977, p. 57, tradução nossa)¹². São exemplos deste padrão *needcensity* (*need* + *necessity*) e *shill* (*shiver* + *chill*). Uma curiosidade entre os exemplos trazidos pelo linguista é que apresentam uma relação de sinonímia entre as bases.

Por outro lado, os *telescopes* formam *blends* sintagmáticos, pois a combinação entre as bases ocorre na cadeia de fala sequencialmente e podem proporcionar a ocorrência da haplogia, quando as sílabas contíguas, entre as bases, são idênticas como em *chicagorilla* (*Chicago* + *gorilla*) e *radarange* (*radar* + *range*). Como podem não ter a ocorrência do fenômeno fonológico, como em *Amerind* (*American* + *Indian*). Observa-se que Algeo (1977) considera como *blends* haplogizados por *telescope* todos os casos em que houver compartilhamento de material fônico: tanto no nível segmental, quanto no nível silábico.

No entanto, compreendemos a haplogia como um fenômeno, tipicamente, fonológico que tende a fundir ou suprimir sílabas, quando contíguas e idênticas ou semelhantes e não apenas segmentos. Para atestar melhor o nosso argumento, apresentamos a definição de Camara Jr. (1986, p.134, grifos nossos) que considera o processo fonológico como um “processo morfofonêmico ocorrente entre **duas sílabas** iguais contíguas. Consiste na supressão de uma delas. *Seminima*, em vez de *semimínima*”. Houaiss (2009), também, descreve a haplogia como uma alteração linguística que ocorre no interior do vocábulo, consistindo na **supressão de uma de duas sílabas** iguais ou semelhantes, contíguas.

Retomando a discussão acerca dos padrões dos *blends*, Gonçalves (2003) assume uma classificação bipartida para os *blends* do PB, a partir do ponto de quebra em que elas se juntam, uma que vez tendem a ser formados por duas palavras (P1) e (P2). O linguista explica que, no português do Brasil, os *blends* podem ser formados por dois padrões: i- um que base 1 e base 2 apresentam material fônico semelhante e ii- outro para os casos em a base 1 e base 2 são completamente distintos do ponto-de-vista segmental e é esta (des)semelhança fônica que irá determinar o ponto de quebra. Gonçalves (2003), ainda, esclarece que

¹¹ Despite inevitable uncertainties in practice, the distinction between *telescopes* and *portmanteaux* is clear in theory. It is surprising that it has not been generally recognized, because the forms, although alike in structure, are strikingly different in their system of formation and in the psychological processes that must be assumed for their making.

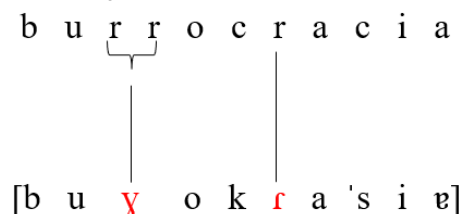
¹² Most associative blends involve a semantic link, although other kinds of association may also be made.

A semelhança fônica deve ser interpretada não como mera presença de um segmento comum, mas como uma semelhança em termos de posição na estrutura da sílaba. Assim, embora ‘*shon*’ e ‘comício’ apresentem uma vogal média posterior em comum (/o/), essa identidade não é estrutural, uma vez que as rimas são diferentes: na primeira palavra, a rima é ramificada (/ow/), enquanto na segunda a rima é constituída unicamente da vogal média (/o/). Dessa forma, ‘*shon*’ e ‘comício’ são interpretadas como dessemelhantes, sendo o *blend* formado a partir do padrão 2 (‘showmício’) (GONÇALVES, 2003, p. 165).

Nesta perspectiva, Gonçalves (2003) estabelece uma análise mais contundente, descrevendo que o compartilhamento de material não pode ser feito à revelia. É preciso levar em consideração a estrutura silábica para assumir a semelhança entre os segmentos, de modo que, articulatoriamente, se um segmento, presente em ambas as bases, estiver em posição diferente na sílaba, pode ser produzido diferentemente.

Ao retomarmos o exemplo do inglês, *radarange* (*radar* + *range*), trazido por Algeo (1977), o compartilhamento pode ser considerado semelhante, mesmo que o rótico esteja em posição diferente na sílaba, uma vez que, em inglês, a produção do rótico é realizada sempre como retroflexa. No PB, tal análise não daria certo, porque a produção do rótico é feita diferente a depender da posição que ele ocupa na sílaba. É o que ocorre com *burrocracia* (*burro* + *burocracia*), na figura 1

Figura 1 - Transcrição fonética do *blend burrocracia*.



Fonte: elaboração própria (2023).

Em termos fonéticos, o rótico, presente em ambas as bases, tem realizações diferentes: enquanto o primeiro, presente na base 1, está em posição de *onset*, assume a descrição de fricativa velar sonora¹³, o segundo, presente na base 2, está em segunda posição do *onset*, especificamente, *onset* complexo, assumindo, assim, a realização de tepe alveolar. Portanto, a análise apresentada só reitera o fato de que, como qualquer processo morfológico, *blends* estão suscetíveis a adaptação às regras de fonotaxe da língua de onde são criados.

Fica claro, então, que Gonçalves (2003) adota dois padrões para *blends* do PB: um em que apresenta semelhança fônica entre segmentos das bases 1 e 2 e outro que é distinto em termos de semelhança fônica no ponto de quebra. O primeiro padrão é denominado como interposição lexical, que também pode ser chamado de entranhamento ou impregnação lexical, sendo este padrão o responsável por grande parte de formação dos *blends* (cf. ANDRADE, 2008; GONÇALVES, 2016). O segundo padrão é denominado como combinação truncada por não ter coincidência de segmentos entre as bases.

Gonçalves (2003), no entanto, alerta para alguns casos que não se adequam a nenhum dos padrões, cf. (2):

¹³ Estamos levando em consideração o dialeto de Vitória da Conquista – Ba.

(2)

mãedrasta (madrasta tão boa como uma mãe)
 bebemorar (comemorar à base de bebidas)
 tricha (homossexual afeminado em demasia; três vezes bicha)
 Haltercopismo (levantamento de “copos” com bebida alcoólica)

Fonte: Gonçalves (2003, p. 152).

Gonçalves (2003, p. 152), respaldado em Bat-El (1996), distingue estes exemplos dos dois padrões anteriores, denominando-os como criações analógicas, pois são formas “interpretadas como substituições sublexicais por envolverem incorporação de uma “palavra invasora” na chamada “palavra-alvo”. O autor explica que

A palavra-alvo apresenta uma porção fonológica que coincide com a encontrada numa forma de livre-curso na língua e é a partir dessa identidade formal que se dá incorporação. Em ‘macumba’, por exemplo, a sequência ‘má’ – que não apresenta qualquer *status* morfológico – é idêntica ao adjetivo ‘má’. A palavra invasora (‘boa’) é projetada a partir dessa sequência, levando consigo suas estruturas métrica e silábica. ‘Boa’ promove o constituinte ‘má’ à condição de radical, substituindo sublexicalmente essa sequência. (GONÇALVES, 2003, p. 152).

Sendo assim, estes exemplos não se encaixariam na configuração de um dos dois padrões dos *blends* e estes não podem ser analisados como criações analógicas, porque, segundo Gonçalves (2003, p. 152), nos *blends*, “duas palavras constituem *input* à formação de uma terceira”. Na Substituição sublexical, doravante SSL, ocorre um reanálise de uma parte de uma das palavras de modo que outra palavra invada aquela posição, substituindo-a sublexicalmente: em *bebemorar*, ‘beber’ é a palavra invasora que faz uma reanálise nas duas primeiras sílabas da palavra ‘comemorar’ e que não tem um *status* fonológico definido, resultando numa terceira palavra. Então, “é no nível do *output* que se detecta a presença das duas bases” (GONÇALVES, 2003, p. 152).

Todavia, Andrade (2008), Andrade e Rondinini (2016), Gonçalves (2016) e Benfica da Silva (2019) reconhecem as SSLs como um terceiro padrão de formação para os *blends*. Andrade (2008) explica que *blends* e SSLs têm o mesmo padrão morfológico, apesar de serem criados por motivações distintas. Numa análise a partir da Teoria da Otimidade com extensão à Teoria da Correspondência, TC, a linguista propõe um *ranking* de restrições violáveis, argumentando que embora sejam formações motivadas de modo variado, “substituições sublexicais e cruzamentos vocabulares¹⁴ envolvem apenas um padrão morfológico porque são governados por um único conjunto hierarquizado de restrições, sendo, por isso, estruturados de modo idêntico” (ANDRADE, 2008, p. 98).

Benfica da Silva (2019) destaca, ainda, que este padrão não se baseia na (des)semelhança fonológica entre as bases por se distanciar da interposição lexical e da combinação truncada. A linguista defende que SSLs apresentam um grande paralelo com os *blends* dos padrões 1 e 2 porque se constituem a partir de duas formas livres existentes na língua, sendo este o fator mais preponderante para a formação do processo morfológico, como defende a autora.

De acordo com Andrade e Rondinini (2016), as SSLs se processam em duas etapas: no primeiro momento, ocorre uma reanálise de uma parte da única palavra-base e esta é promovida a radical e, por meio de uma analogia, é substituída por uma unidade significativa que, em seguida, na subsequência da operação, funciona como base; a partir disso ocorre o cruzamento, “por interposição (tipo 1) mãedrasta (mãe + madrasta) ou por combinação truncada (tipo 2) boacumba (boa + macumba), dessa nova base com a base-alvo” (ANDRADE; RONDININI, 2016, p. 876).

¹⁴ A autora denomina o processo como cruzamento vocabular.

Minussi e Nóbrega (2014) estabelecem denominações para os padrões dos *blends* no PB com base nas propostas de Basílio (2005) e Gonçalves e Almeida (2007). A partir disso, os autores distribuem uma configuração dos padrões dos *blends* por meio da sintaxe. Seriam eles, i- os *blends* fonológicos, onde ocorre a presença de um ou mais segmentos fonológicos idênticos que se sobrepõem, *roubodízio* (*roubo* + *rodízio*), ii- *blends* morfológicos em que não há ocorrência de sobreposição de segmentos e as bases envolvidas são truncadas, como *cariúcho* (*carioca* + *gaúcho*) e os iii- os *blends* semânticos em que ocorre uma reanálise semântica de um conjunto de segmentos fonológicos de uma das bases, como ‘má’ de madrastra que resulta em *boadrasta*.

Os autores argumentam que esses padrões “são resultado de um *input* enciclopédico, e que suas diferenças superficiais decorrem, em grande medida, da presença ou não de segmentos fonológicos idênticos” (MINUSSI; NÓBREGA, 2014, p. 162-163). Na perspectiva da Morfologia Distribuída, a ideia de enciclopédia refere-se ao conhecimento lexical armazenado em uma rede de informações distribuídas (cf. HALLE; MARANTZ, 1993). Em vez de conceber a morfologia como um sistema separado que opera com regras fixas e independentes, a MD considera que as informações morfológicas estão intimamente relacionadas com o conhecimento semântico e lexical de uma língua. Desse modo, a enciclopédia, segundo os linguistas, é o conhecimento de mundo que o falante tem. Dito isso, eles assumem que

traços enciclopédicos, ou seja, informações concernentes ao nosso conhecimento de mundo, têm influência no preenchimento fonológico dos nós terminais gerados pela sintaxe. Em nossa visão, o *input* para os casos de uma clara interface sintaxe-pragmática, especificamente no que compete a questões estilísticas, é resultado de um *input* enciclopédico no componente morfológico da gramática, o qual desencadeia a sobreposição ou apagamento de segmentos fonológicos dos IVs inseridos nos nós terminais, tal como ocorre nos *blends* fonológicos e morfológicos, ou a troca de um IV por outro, tal como ocorre nos *blends* semânticos. Com isso, uma vez que o *input* é de ordem semântico-enciclopédica, a sobreposição de segmentos fonológicos será vista como epifenomenal e não como um ponto de partida para a formação dos *blends* (MINUSSI; NÓBREGA, 2014, p. 163).

Em outras palavras, os traços enciclopédicos representam a noção de que as palavras carregam consigo informações sobre seus significados e usos, e essas informações estão distribuídas em toda a estrutura gramatical. Portanto, quando encontramos uma palavra, não apenas suas características morfológicas são ativadas, mas também seu conhecimento semântico associado a essa palavra.

Observa-se, também, que Minussi e Nóbrega (2014) consideram que as motivações fonológicas, ou não, dos padrões dos *blends* surgem a partir da relação sintático-pragmática gerada pela enciclopédia. Todas essas ponderações apresentadas pelos linguistas são nutridas a partir da Morfologia Distribuída que interpreta que *blends* são formados a partir de uma estrutura gerada pelo componente sintático. Minussi e Nóbrega (2014), ainda, salientam que, dada esta interpretação com base na MD, “os *blends* fonológicos e os *blends* semânticos, contrariamente aos *blends* morfológicos, serão formados a partir de duas raízes categorizadas, em uma configuração semelhante à de um sintagma” (MINUSSI; NÓBREGA, 2014, p. 176), cf. quadro 1:

Quadro 1 - Configuração sintática da derivação dos padrões de *blends*, segundo Minussi e Nóbrega (2014).

<i>Blends</i> Fonológicos	<i>Blends</i> Morfológicos	<i>Blends</i> Semânticos
- são sintagmas comuns e.g., <i>cartomante + mente</i>	- são formados como palavras derivadas e.g., <i>✓choco-tone</i>	- são sintagmas comuns e.g., <i>boadrasta < boa + madrasta</i>

Fonte: Minussi e Nóbrega (2014, p. 176).

Minussi e Nóbrega (2014) defendem que, diferentemente dos *blends* fonológicos e semânticos, a formação dos *blends* morfológicos se formam por apenas uma raiz, enquanto o outro constituinte do *blend*, ou seja, a outra base, funciona como um sufixo e a sua formação sintática se caracteriza como uma palavra derivada, havendo uma raiz e um afixo. Este caráter de afixo, em um *blend* morfológico, do segundo elemento deriva “de seu comportamento preso e recorrente, semelhante a um *splinter*¹⁵” como, “-*trocínio*, que foi truncado da palavra *patrocínio* e reutilizado em *blends* como *capestrocínio*, *irmãotrocínio*, *patrocínio* etc” (MINUSSI; NÓBREGA, 2014, p. 176). *Siplinter* (BAUER, 2004) é um termo do inglês que, traduzido para o português, significa fragmento, pedaço. Especificamente, “na literatura morfológica, remete a partes de palavras que, retendo o significado da forma original, recorrem numa borda específica de novas formações lexicais” (GONÇALVES, 2019, p. 155). Andrade (2013) o denomina como fragmento vocabular.

Então, se pensarmos nos *blends* morfológicos, como descrevem os autores, num processamento em que uma base funciona como raiz e a outra como um sufixo, comparando-os, ainda, ao processamento dos *splinters*, que, a partir de um fragmento, pode gerar outros *blends*, não seria possível dar conta de todos os exemplos desse padrão. *Portunhol* (*português + espanhol*), *fisiobixo* (*fisioterapia + bixo*), *marinoivo* (*marido + noivo*) e *vagaranha* (*vagabunda + piranha*) podem ser considerados como *blends* morfológicos, pois não compartilham material fônico entre as bases, porém não decorrem de uma derivação, uma vez que as partes (ou fragmentos) das bases não denominam outros *blends*.

Aparentemente, o grupo dos *blends* morfológicos é criado por partes de palavras que não compartilham material fônico, em que alguns exemplos, como os mencionados acima, não formam diversos *blends* com a parte de uma palavra. Outros, como *-trocínio*, *-drasta*, *bolso-* e *-naro*, podem formar diversas palavras. Estes últimos são conhecidos na literatura como *splinter* ou fragmento vocabular. Andrade (2013) discute que os *splinters* têm tendência de se tornarem afixos, uma vez que não têm autonomia discursiva e por realizarem palavras morfológicas complexas a partir de um único acento, além disso, suas porções não significativas são reinterpretadas como formativos em função da recorrência.

Com toda essa discussão, os *blends* morfológicos, descritos por Minussi e Nóbrega (2014), não apresentam uma previsibilidade para formar palavras com estruturas de raízes e afixos em todos os casos, embora os autores considerem a segunda base sempre como o elemento sufixal, derivada do seu comportamento preso e recorrente. No entanto, observamos que essa situação funciona mais como *splinters* que nem sempre apresentam o fragmento recorrente à direita (*-naro*: *bozonaro*, *lixonaro*, *Lulanaro*, *tosconaro*). Podem ocorrer, também, na base esquerda (*bolso-*: *bolsoasno*, *bolsobosta*, *bolsomerda*, *bolsominion*). Portanto, combinação truncada (Gonçalves, 2003; Andrade, 2008; Gonçalves, 2016) parece ser um termo mais abrangente para esses padrões de *blends*, uma vez que dá conta de responder melhor à formação.

Buscando uma sistematização dos padrões dos *blends* a partir de diferentes abordagens discutidas aqui, o quadro 2 sintetiza as distintas combinações que o processo pode apresentar na formação de uma palavra:

¹⁵ É uma palavra do inglês que, traduzida para o português, significa fragmento, pedaço. Especificamente, “na literatura morfológica, remete a partes de palavras que, retendo o significado da forma original, recorrem numa borda específica de novas formações lexicais” (GONÇALVES, 2019, p. 155).

Quadro 2 - Síntese dos padrões dos *blends*.

PADRÕES DOS <i>BLENDS</i>		
Com compartilhamento de material fônico	Sem compartilhamento de material fônico	Criações analógicas
<i>namorido</i> (namorado + marido)	<i>chocotone</i> (chocolate + panetone);	<i>bebemorar</i> (beber + comemorar)

Fonte: elaboração própria (2023).

Apresentada a síntese no quadro 2, consideramos as propostas de Gonçalves (2003), Andrade (2008), Gonçalves (2016) e Andrade e Rondinini (2016), que postulam uma relação tripartida para os padrões do fenômeno sob as definições de interposição lexical (compartilhamento de material fônico), combinação truncada (sem compartilhamento de material fônico), e substituição sublexical (reanálise), denominações mais apropriadas para os diferentes tipos de padrões dos *blends*.

Diante do que foi descrito, evidenciamos que a produtividade dos *blends* é contundente no PB. Ao pensarmos no nível de recorrência que palavras formadas pelo processo tem surgido, atualmente, como em redes sociais, situações informais, por exemplo, este ganhou grande destaque em trabalhos, como os que foram apontados neste artigo.

4 Outras perspectivas de análises recentes com os *blends*

O *blend* é um fenômeno que ganhou destaque em estudos morfológicos, fonológicos e semânticos, como apresentamos na seção anterior. Hodiernamente, dada a sua grande propagação na língua, sobretudo em ambientes virtuais (cf. BRAGA, PACHECO; ROCHA, 2022), alguns estudiosos fizeram investigação sob diversas perspectivas.

Como mencionado anteriormente, Benfica da Silva (2019) debruçou-se sobre *blends* que são formados por antropônimos, como *Brumar* (*Bruna* + *Neymar*). A autora elaborou seu trabalho com base em um corpus em que o *blend* tinha, ao menos, uma base antroponímica e o dividiu em quatro funções: “(a) expressão de ponto de vista (*Bolsolixo* < Bolsonaro + lixo); (b) nomeação expressiva de pares românticos (*Judrigo* < Juliana + Rodrigo); (c) formação de outro antropônimo, desta feita complexo, como (*Marelisa* < Osmar + Elisa); (d) criação de oniônimos (nomes comerciais) na esteira (*Paulufusos* < Paulo + parafusos)” (SILVA, p. 16). De modo geral, a linguista mostrou que os antropônimos são classificados como uma classe em potencial, pois demonstram, segundo ela, alta carga semântica e excessiva motivação para sua criação, enquanto os *blends* apresentou-se como “um processo morfológico produtivo capaz de refletir tendências sociais de modo criativo, econômico e, portanto, eficiente” (BENFICA DA SILVA, 2019, p. 131).

Outra proposta recente é a de Minussi e Villalva (2020) que fizeram uma investigação abrangente sobre o reconhecimento e a acessibilidade lexical de *blends*, no português europeu e português brasileiro. A pesquisa objetivou compreender como falantes nativos dessas duas variedades processam e reconhecem os *blends*. Uma das conclusões principais do estudo é a de que os *blends* parecem estar mais lexicalizados no PB do que no PE. Isso significa que, no PB, esse processo de formação de palavras têm uma estrutura morfológica mais estável e é processado mais rapidamente, indicando que os falantes do PB podem estar mais acostumados a esse tipo de palavra. Os resultados alcançados pelos linguistas são importantes para a compreensão do processamento lexical. O *blend* é um processo de formação de palavras especial e fornece *insights* valiosos sobre como as palavras complexas podem ser processadas no cérebro humano. Isso ajuda a entender melhor o processamento lexical, ou seja, como os falantes reconhecem e compreendem palavras em tempo real.

Uma proposta interessante, também, para a análise do processo, é a de Braga (2023) que apresenta uma análise via fonética acústica, investigando sua pauta acentual. Seguindo a literatura (cf. BENFICA DA SILVA, 2019) de que os *blends* apresentam apenas o acento primário, o estudioso observa que palavras formadas pelo fenômeno apresentam, na verdade, dois acentos primários. Sua análise leva em consideração a composição prosódica, proposta de Schwindt (2000), e o parâmetro acústico da duração. Braga (2023, p. 131) evidenciou que “em termos acústicos, o falante parece acessar informações acentuais na criação do processo”. Em resumo, o autor defende que o acento parece estar envolvido na constituição de um *blend* e, ainda, explana que isso pode tornar o fenômeno como um processo morfofonológico, de fato.

Considerações finais (deste trabalho)

Neste trabalho, discutimos fatores que envolvem o fenômeno do *blend*, um processo que engloba a junção de duas palavras, formando uma terceira, como em *prostiputa*, *blend* formado pelas bases *prostituta* e *puta*. Fizemos uma descrição do estado da arte, apontando alguns posicionamentos a respeito do que alguns estudiosos têm descritos, até este momento, sobre esse fenômeno.

A partir deste artigo foi possível observar que o fenômeno tem ganhado um certo destaque nos últimos anos com análise em *blends* do PB. Muitos autores debruçaram-se sobre essa operação morfológica, tão complexa, como forma de entender melhor sua formação em diferentes níveis da gramática. Estudiosos, como Gonçalves (2003) e Andrade (2008), entre outros, propõem conceitos para os diferentes padrões de formações de *blends*, observando quando compartilham material fonológico ou não.

Fica evidente, portanto, que o *blend* é um processo de grande importância para os estudiosos da Linguística, pois oferece *insights* valiosos sobre a criatividade linguística do falante e as dinâmicas da evolução da língua. O fenômeno ilustra como os falantes adaptam e modificam a língua para atender às suas necessidades comunicativas, criando novas palavras para descrever conceitos emergentes ou situações únicas. Além disso, suas diversas formas de criação e a capacidade de incorporar uma ampla gama de elementos linguísticos destacam a riqueza e complexidade do processo de formação de palavras e a rica diversidade da língua portuguesa.

Referências

- ADAMS, Valerie. *An introduction to modern English word-formation*. London: Longman, 1973.
- ALGEO, John. Blends, a structural and systemic view. *American Speech*, v. 52, n. 1/2, 1977, p. 47-64.
- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo*. São Paulo: Ática, 1990.
- ANDRADE, Katia Emmerick. *Uma análise otimalista unificada para mesclas lexicais do Português do Brasil*. 2008. 131 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.
- ANDRADE, Katia Emmerick. *Proposta de um continuum composição-derivação para o Português do Brasil*. 2013. 163 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, UFRJ, 2013.

ANDRADE, Katia Emmerick; RONDININI, Roberto Botelho. Cruzamento vocabular: um subtipo da composição? *DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, 2016 p. 861-887.

ARAÚJO, Gabriel Antunes. Morfologia não-concatenativa em português: os portmanteaux. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, 2000, p. 5-21.

ARNDT-LAPPE, Sabine; PLAG, Ingo. The role of prosodic structure in the formation of English blends. *English Language and Linguistics*, v. 17, n. 4, 2013, p. 537.

BASÍLIO, Margarida. Cruzamentos vocabulares: o fator morfológico. *X Congresso da ASSEL-RIO*, Rio de Janeiro, 2003.

BASÍLIO, Margarida. A fusão vocabular como processo de Formação de Palavras. *Anais do IV Congresso da ABRALIN*, 2005.

BASÍLIO, Margarida. Fusão vocabular expressiva: um estudo da produtividade e da criatividade em construções lexicais. *XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Porto, 2010, p. 201-210.

BAT-EL, Outi. Selecting the best of the worst: the grammar of Hebrew blends. *Phonology*, New York, 13, n. 1, jan./jul, 1996, p. 283-328.

BAUER, Laurie. *English word-formation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

BAUER, Laurie. *Morphological Productivity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

BAUER, Laurie. *A Glossary of Morphology*. Washington, DC. Georgetown Univ. Press 2004.

BAUER, Laurie. Blends: Core and periphery. In: RENNER, Vicent; MANIEZ, François; ARNAUD, Pierre J. L. *Cross-disciplinary perspectives on lexical blending*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2012, p. 11-22.

BENFICA DA SILVA, Vitória. *O cruzamento vocabular formado por antropônimos: análise Morfológica e Fonológica*. 2019. 184 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

BEVILACQUA, Cleci Regina; SILVA, Fernando Moreno da. Morfologia concatenativa e morfologia não concatenativa: do princípio morfológico ao princípio prosódico. *Confluência*, Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, n. 60, 2021, p. 353-372.

BRAGA, Emerson Viana. *Blend, “a mistura que todo mundo gosta!”: uma blendescrição do processo no léxico do português brasileiro*. 2023. 169 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2023.

BRAGA, Emerson Viana; PACHECO, Vera; ROCHA, Warley José Campos. A relação entre conhecimento, uso e faixa etária de blends por falantes nativos do PB. *Revista (Con)textos Linguísticos*, Vitória, 16, 2022, p. 205-224.

CAMARA JR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. 13. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

CANNON, Garland. Blends in English word formation. *Linguistics*, n. 24, 1986, p. 725-753.

CARROLL, Lewis. *Through the looking glass and what Alice found there*. [S.l.]: Macmillan, 1871.

DUBOIS, Jean *et al.* *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1973.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Blends lexicais em português: não-concatenatividade e correspondência. *Veredas* (UFJF), Juiz de Fora, v. 7, n. 1 e n. 2, 2003, p. 149-167.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Processos morfológicos não concatenativos do português brasileiro: formato prosódico e latitude funcional. *Alfa* (ILCS/UNESP), Araraquara, v. 48, n. 2, 2004, p. 30-66.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Usos morfológicos: os processos marginais de formação de palavras em português. *Gragoatá*, Niterói, v. n. 21, 2 sem, 2006a, p. 219-241.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. A ambimorfemia de cruzamentos vocabulares: uma abordagem por ranking de restrições. *Revista ABRALIN*, v. 5, n. 1 e 2, 2006b, p. 169-183.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Morfologia*. 1ª. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

GONÇALVES, Carlos Alexandre; ALMEIDA, Maria Lúcia Leitão. Bases semântico-cognitivas para a diferenciação de cruzamentos vocabulares. *Revista Portuguesa de Humanidades*, v. 11, 2007, p. 75-85.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel Jay. (orgs.) *The View from Building 20; Essays in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1993, p. 111-176.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário de Houaiss da Língua Portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KEMMER, Susan. Schemas and Lexical Blends. In: CUICKENS, H. *et al.* (ORG.) *Motivation in Language*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2003.

LAHLOU, Hicham; HO-ABDULLAH, Imran. The fine line between compounds and portmanteau words in English. *Journal of Language and Linguistic Studies*, v. 17, n. 4, 2021, p. 1684-1694.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Estilística da Língua Portuguesa*. 5ª ed. Coimbra: Coimbra, 1968.

LOPES, Carlos Alberto Gonçalves. *Lições de morfologia da língua portuguesa*. Jacobina: Tipô-carimbos, 2003.

MARANGONI JÚNIOR, Cesar Elidio. *A blendividade na formação de palavras: a derivação dos blends na interface entre morfologia, fonologia e pragmática*. 2021. 222 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

MARTINS, Nilce. Sant'anna. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. São Paulo: T.ª Queiros, EDUSP, 2000.

MINUSSI, Rafael Dias; NÓBREGA, Vitor Augusto. A interface sintaxe-pragmática na formação de palavras: avaliando os pontos de acesso da Enciclopédia na arquitetura da gramática. *Veredas* (UFJF), Juiz de Fora, v. 18, n. , 2014, p. 161-184.

MINUSSI, Rafael Dias; VILLALVA, Alina Maria Santos Mártires. Reconhecimento e acesso lexical dos blends em português europeu e português brasileiro. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 22, n. 1, jan./abr. 2020, p. 1-14.

PIÑEROS, Carlos-Eduardo. Word-blending as a case of non-concatenative morphology in spanish. *Rutgers*: Rutgers University, 2000.

PIÑEROS, Carlos-Eduardo. The creation of portmanteaus in the extragrammatical morphology os Spanish. *Rutgers Optimality Archive*, Iowa, 2002. Disponível em: <http://roa.rutgers.edu/files/526-0602/526-0602-PINEROS-0-0.PDF>.

PLAG, Ingo. *Word-Formation in English*. 2. ed. Cambridge: Cambridge Textbooks in Linguistics, 2018.

RIO-TORTO, Graça. Blending, cruzamento ou fusão lexical em português: padrões estruturais e (dis)semelhanças com a composição. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 16, n. 1, 2014, p. 7-29.

SANDMANN, Antônio José. *Competência lexical*. Paraná: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1991.

SANDMANN, Antônio José. *Morfologia Geral*. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 1993.

SANDMANN, Antônio José. *Formação de Palavras no Português Contemporâneo*. Curitiba: Ed. URPR, 1996.

SANDMANN, Antônio José. *Morfologia Lexical*. São Paulo: Contexto, 1997.

SCHWINDT, Luiz Carlos. *O prefixo no Português Brasileiro: análise morfofonológica*. 2000. 192 f. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2000.

Submetido em 16/05/2024

Acceto em 29/07/2024